Ética e Relações Humanas no Trabalho

Tema 3: Pensando sobre o Indivíduo

Autora: Carla Patrícia Fregni

Como citar este material:

FREGNI, Carla P. *Ética e Relações Humanas no Trabalho*: Pensando sobre o Indivíduo. Caderno de Atividades. Valinhos: Anhanguera Educacional, 2015.

CONVITE À LEITURA

Olá! Seja bem-vindo(a) à terceira aula da disciplina Ética e Relações Humanas no Trabalho. Nesta aula, vamos refletir sobre o indivíduo.

Até este momento, levantamos questões sobre a ética e sobre as relações humanas. Em nossa primeira aula, aprendemos que a ética está ligada a códigos de conduta que servem para orientar a boa convivência entre as pessoas. Em nossa segunda aula, vimos que as relações humanas são construídas sobre pilares como a política, a religião, a economia, a cultura, a tecnologia e outros que se interconectam. Utilizamos uma abordagem histórica para compreendermos melhor como esses pilares interferiram e interferem nas relações humanas.

Nesta aula, pretendemos complementar nossas reflexões sobre relações humanas, lançando nossos olhares sobre o indivíduo, sobre seu papel social e sobre os desafios enfrentados em nossa contemporaneidade.

Está preparado para mais uma viagem de questionamentos e debates? Vamos lá!

TEXTO E CONTEXO

A Individualidade

A individualidade pode tornar-se pivô de debates das mais diversas naturezas: política, religiosa, legal, filosófica, entre outras. Se formos curiosos, vamos descobrir que a palavra indivíduo vem do latim: *individuus*, ou seja, o que não é divisível.

Afinal, por que tantas discussões opõem-se à individualidade, julgando-a inimiga do bem viver em sociedade ou oposta à caridade? Alguns chegam a dizer que o individualismo é como doença que isola a pessoa que não quer compartilhar experiências com seus semelhantes.

Você já pensou sobre isso? O que é ser um indivíduo?

Como dissemos, muitas áreas de estudo pesquisam a maneira de nos enxergamos como indivíduos. O psiquiatra Jacques Lacan passou cerca de 30 anos de sua vida desenvolvendo um trabalho conhecido por estádio do espelho. O que motivou suas primeiras investigações para esse trabalho foi observar a reação de uma criança de colo ao olhar-se no espelho. Notou-se que ela conseguia perceber-se como criatura distinta daquela que a segurava, assim como de tudo ao seu redor.

A observação de Lacan nos leva a compreender que, desde muito cedo, podemos nos perceber como pessoas que têm suas próprias ideias e suas próprias emoções. Quando nos descobrimos pensadores de nosso próprio mundo interior tomamos consciência de nossa individualidade.

Em sua obra, a autora Costa (2010, p. 83) explica a conclusão de Lacan:

> Lacan teve então a certeza de se tratar de uma experiência cognitiva fundamental – mesmo sem ser capaz de manter a postura ereta ou de articular a palavra “eu”, o ser humano experimenta a matriz simbólica do Eu que o acompanhará pela vida toda. Trata-se de uma experiência de natureza simbólica que faz emergir a capacidade humana de se relacionar com o mundo circundante, e consigo próprio, por intermédio de signos.

Se você se assustou com a quantidade de termos técnicos dessa citação, não se preocupe! Não vamos embarcar em fundamentos da psicologia. Gostaríamos apenas de destacar que nos tornamos indivíduos quando tiramos significados pessoais de nossas próprias experiências de vida.

Se pudéssemos explicar, de forma simplificada, o que é uma **experiência de natureza simbólica**, diríamos que se trata de uma experiência com base em símbolos e, portanto, não alcança uma explicação muito objetiva. Ou seja, quando você tenta explicar como foi essa experiência, você acaba falando coisas como: "um cheiro de gosto azedo" ou, então, "borboletas em meu estômago" ou "sons do silêncio". É claro que a psicologia explicaria de forma muito mais elaborada. Jung, por exemplo, diria algo parecido com:

> [...] o símbolo é a melhor expressão possível de algo relativamente desconhecido, pois ele representa por imagens, experiências e vivências que incluem aspectos conscientes e inconscientes, isto é, desconhecidas da consciência. Como tal, o símbolo participa e existe sob a forma vivencial e experiencial, sendo impossível de ter seu significado esgotado ou determinado, possibilitando estabelecer múltiplas relações e analogias (JUNG *apud* SERBENA, 2010).

Também devemos ressaltar que o significado de signo, mencionado na citação de Costa (2010, p. 83), nada tem a ver com astrologia... O signo é um elemento da linguagem humana que nos permite associar significados às coisas que nos rodeiam (desde as materiais até as imateriais). Esses significados são bastante complexos, envolvendo nossos sentidos e nossa mente. Vamos usar um exemplo? A ideia de "chuva" pode ser dita, escrita ou desenhada. Qualquer uma dessas formas pode ser considerada um código que carrega em si duas partes: aquela expressa pela forma representada (verbal, escrita ou desenhada) e aquela que nossa mente concebe como significado. Essas duas partes estão sempre presentes em qualquer signo utilizado pela humanidade.

Para compreendermos melhor **a capacidade humana de se relacionar por meio de signos**, vamos propor-lhe um exercício mental. Imagine a seguinte situação: duas pessoas estão saindo de um vagão do metrô em São Paulo. Ao começarem a andar pelos corredores, percebem pessoas chegando com seus guarda-chuvas molhados. Para a primeira pessoa, essa imagem gerou uma

vontade enorme de chegar logo em casa, porque, certamente, sua mãe a receberia com bolinhos de chuva envoltos com açúcar e canela. Para a segunda pessoa, essa imagem deu-lhe desespero, pois, toda vez que chove, sua casa é tomada por enchente.

Não é incrível como um mesmo signo pode despertar emoções e reações tão diferentes nas pessoas? Por mais que os mesmos indivíduos vivam em uma mesma sociedade, com a mesma cultura e, quem sabe, com a mesma educação, a individualidade está no interior de cada um. Não há como eliminá-la.

Saiba Mais!

Somos Todos Mutantes

Nesta reportagem da Revista *Superinteressante*, discute-se o impacto que o surgimento de um indivíduo diferente em um grupo pode causar. O comportamento de rejeitar aquele que não é igual a todos acontece em muitas espécies, além da humana.

"O problema é que sempre nos juntamos em tribos de 'iguais' para lutar contra qualquer coisa que pareça diferente. É parte da nossa natureza. É parte da natureza de qualquer animal - até por isso todos os mutantes sofrem, em todas as espécies. Mas, ironicamente, são os mutantes, os diferentes, que fazem a evolução andar. Não fosse por eles, nem seríamos todos macacos. Seríamos todos amebas, porque a evolução nem teria acontecido. Mas graças a ela, hoje, temos neurônios o bastante para decidir não nos comportar como amebas; cérebro suficiente para entender que o próprio conceito de raça é uma ilusão. Perpetrada por um instinto estúpido".

VERSIGNASSI, Alexandre. Somos todos mutantes. *Superinteressante.com*, maio 2014. Disponível em: http://super.abril.com.br/cotidiano/somos-todos-mutantes-803001.shtml. Acesso em: 27 out. 2014.

A Identidade

Os papéis sociais eram claros há bem pouco tempo. Pelo menos, isso é o que a história da humanidade nos mostra. Na Grécia antiga, os papéis eram designados pelo Cosmo finito e ordenado. Na Era Medieval, os papéis eram assumidos desde o berço: o clero, a realeza e os plebeus. Com a Modernidade: a burguesia e o proletariado.

A relação humana, na verdade, sempre se baseou nas relações entre os papéis sociais. A relação entre mestre e discípulo; senhor feudal e vassalo; padre e fiel; rei e súdito; senhor de engenho e escravo; ricos e pobres; chefe e funcionário; marido e esposa. Esta lista pode ir bem longe!

O papel social garante uma identidade ao indivíduo. Se, por um lado, a construção identitária facilita a estruturação de uma sociedade, por outro lado, pode sufocar os talentos individuais de uma pessoa.

Ao mesmo tempo, dar vazão às manifestações dos talentos individuais pode desestruturar completamente os códigos de conduta de uma sociedade que se organiza pela imposição de papéis para cada um de seus integrantes.

Em nossa contemporaneidade, o indivíduo já tem bastante liberdade para escolher a trajetória de sua vida. E, ao mesmo tempo, grandes debates são inflados com a questão da quebra ética e do costume da má conduta que o individualismo pode causar.

Talvez sejam os dois lados da moeda: a liberdade de **ser o que se quer ser** e a responsabilidade em ser agente para o bom convívio social.

Sujeito e Subjetivação

Nos dias de hoje, os interesses individuais têm encontrado muitos caminhos para se manifestarem. Não é para menos que se discute tanto sobre o **sujeito** quanto sobre a **subjetivação**.

Saiba Mais!

Novas Fronteiras da Subjetivação

Assista à palestra de Benilton Bezerra Júnior, intitulada *Novas Fronteiras da Subjetivação*, no Programa Café Filosófico, em 2009, produzido pela TV Cultura.

BEZERRA JÚNIOR, Benilton. Novas Fronteiras da Subjetivação. *Café Filosófico*, 2009. Disponível em: http://www.cpflcultura.com.br/ . Acesso em: 24 out. 2014.

Na palestra indicada no *Saiba Mais*, Dr. Bezerra Júnior define **sujeito** como o indivíduo que mantém uma relação com o mundo, mediada pela linguagem e pela cultura. Segundo ele, um **sujeito** é um indivíduo que tem consciência de que é alguém com vontades próprias e tem consciência de que o outro também é alguém com vontades próprias.

Você deve estar se perguntando: mas não são assim todos os indivíduos? Na verdade, não! Vamos pensar juntos: será que aquelas pessoas que têm limitações mentais ou cerebrais conseguem manter relações significativas com o mundo a seu redor? Percebemos que não, certo? Seja por não terem

consciência ou por não dominarem a linguagem humana. Agora, sim, pudemos compreender a definição de sujeito!

Então, vamos passar para a definição de **subjetivação**. A subjetivação acontece na medida em que o sujeito vai dando significado às suas experiências no mundo em que vive.

Essa definição de subjetivação pode nos levar a algumas conclusões: se ela é construída a partir das vivências do sujeito, então ela **não é definitiva**: enquanto o sujeito estiver vivo, a subjetivação vai acontecendo. Além disso, ela **não é válida para todos os sujeitos**, pois cada um poderá dar os significados que quiser às suas próprias vivências.

Então, vamos a mais uma questão? Quais são as influências que recaem sobre o sujeito na hora em que ele cria significados às suas experiências de vida? Algumas respostas nos vêm à cabeça imediatamente, não é mesmo? Com certeza, a **educação** que esse sujeito recebeu deve influenciar bastante, assim como seu jeito de ser, ou seja, sua **personalidade**. A **cultura** praticada na sociedade em que ele vive também é um fator de influência, além de suas **crenças ou doutrinas religiosas**.

Esta reflexão nos levará a entender que a subjetivação é algo individual, mas totalmente influenciado pelo ambiente que cerca o indivíduo. Mais uma vez, repetimos: o ser humano é uma criatura gregária. Isso significa que a própria individualidade do homem necessita do outro para poder se formar.

Como assim? Parece algo bem estranho isso que dissemos, não é mesmo?

Convidamos você para nos acompanhar em uma hipótese bastante improvável. Se um ser humano vivesse absolutamente sozinho, desde seu nascimento, ele não ia perceber sua individualidade, porque seria **o todo** em seu próprio mundo!

Saiba Mais!

Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/File:Kaspar_hauser.jpg. Acesso em: 27 out. 2014.

O Enigma de Kaspar Hauser

A história é de um bebê que teria crescido sozinho dentro de um porão na cidade de Nuremberg, em torno de 1812. Sem qualquer contato humano para que ninguém soubesse de sua existência, ele dormia com uma corrente que o prendia, sentado ao chão. Deixavam-lhe água e comida enquanto dormia. Já na idade adulta, um homem o tira do calabouço e o deixa em uma praça pública na cidade, com uma carta direcionada ao capitão da cavalaria local em 1828. Sem saber falar nem andar, ele passa a fazer seus primeiros contatos com o mundo exterior e a sociedade da época. Ajudado por uma família, ele aprendeu a se comportar, a falar, ler, escrever, tocar piano, além de se interessar por jardinagem. Mas sempre observado com curiosidade e espanto pelos cidadãos. (Fonte: http://www.futura.org.br/blog/2013/01/18/o-enigma-de-kaspar-hause-e-a-atracao-da-semana-no-cineconhecimento/. Acesso em: 27 out. 2014).

O ENIGMA de Kaspar Hauser. Direção: Werner Herzog. Produção: Werner Herzog. Alemanha Ocidental: Zweites Deutsches Fernsehen (ZDF), 1974. 110 min. *Trailer* disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=R9qxbd3uR48.

Acesso em: 31 out. 2014.

A Redescrição da Subjetividade: as Bioidentidades

Enquanto o mundo econômico enfrenta sua crise, assistimos à passagem de uma cultura fundamentada no sujeito psicológico, na qual a identidade estava referida preferencialmente ao registro da vida emocional interior, para outra, a cultura das bioidentidades, na qual a biologia e o corpo são as fontes privilegiadas nas quais buscamos a resposta para a questão fundamental: quem sou eu?

CABRAL, Rossano L. A redescrição da subjetividade: as bioidentidades. *Café Filosófico*, 2009. Disponível em: http://www.cpflcultura.com.br/ . Acesso em: 27 out. 2014.

Nós somente nos percebemos como indivíduos e sujeitos porque somos sensíveis às reações das pessoas que estão à nossa volta. E, mais do que isso: dependendo do significado que damos às reações das pessoas à nossa volta, determinamos nossas ações com antecedência, não é mesmo?

Quantas vezes percebemos isso em nosso cotidiano! Às vezes, o marido deixa de contar alguns problemas para a esposa porque ela pode reagir mal. Assim, o marido age em função de evitar uma reação indesejável da esposa.

Outro exemplo: a jovem que tem seu primeiro encontro leva uma hora para decidir qual roupa vai usar e mais duas horas para se preparar. Tudo isso para conseguir determinada reação de seu pretendente: elogios e aprovação!

Você deve ter percebido que o ponto de vista que utilizamos até agora é ocidental e contemporâneo. A liberdade para as significações individuais, ou pessoais, não é realidade para todas as civilizações. Atualmente, há muitos povos (como alguns orientais, por exemplo) cuja cultura e poder político impõem condutas às pessoas, que acabam sendo obrigadas a agir em função de leis, doutrinas religiosas e tradições culturais.

Além disso, o que consideramos autonomia individual hoje nas culturas ocidentais é uma possibilidade recente. Lembre-se: a ditadura militar no Brasil só entrou em decadência há pouco mais de 30 anos!

Com as rápidas reflexões que estamos fazendo, percebemos que não há como pensarmos no indivíduo sem pensarmos em relações humanas. Também não dá para pensarmos em relações humanas sem pensarmos em como sustentá-las, ou seja, se o homem depende das relações humanas, o que fazer para que elas sejam duráveis e para que elas realmente agreguem os indivíduos? Cairemos na questão da ética novamente! Não é para menos que pessoas dos mais diversos perfis e formações acadêmicas se debruçam sobre este tema há milênios!

Quais devem ser as condutas ideais para que uma sociedade perdure com seus integrantes interagindo de forma satisfatória? Essa forma satisfatória é a mesma para todos os povos? Para todas as gerações? Sabemos que não!

O que é aceitável no Brasil não pode nem ser sonhado no Afeganistão. Você já imaginou uma carioca sendo obrigada a usar uma burca? E uma afegã deparando-se com um biquíni tipo “fio dental”? Mesmo que elas mudassem de país, seria penoso tanto para uma quanto para a outra acostumar-se com costumes tão diversos daqueles com os quais foram criadas.

Saiba Mais!

Conheça os principais tipos de véu islâmico

Fonte: AFP

Burca

Símbolo do talibã afegão, é usado tradicionalmente por tribos pashtuns do país. Cobre completamente a cabeça e o corpo, inclusive os olhos, onde há uma rede para permitir a visão.

Niqab

Usado em regiões onde é praticado o islamismo wahhabista, como a Arábia Saudita. Cobre integralmente a cabeça e o corpo, deixando apenas os olhos descobertos.

Hijab

Usado em todo o mundo muçulmano, significa 'esconder o olhar'. Cobre os cabelos e o colo, mas não esconde o rosto.

Xador

Usado tradicionalmente no Irã, cobre a cabeça e o corpo, mas não esconde o rosto.

Fonte: http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/07/tribunal-europeu-apoia-lei-francesa-que-proibe-veu-islamico-em-publico.html. Acesso em: nov. 2014.

Tribunal Europeu apoia lei francesa que proíbe véu islâmico em público

Tribunal Europeu de Direitos Humanos concorda com a lei francesa de 2010 que proíbe o uso do véu islâmico integral (burca e niqab) em espaços públicos, pois decisão estaria de acordo com o entendimento de que as autoridades necessitam identificar os indivíduos para prevenir atentados contra a segurança das pessoas, dos bens e lutar contra a fraude de identidade.

TRIBUNAL Europeu apoia lei francesa que proíbe véu islâmico em público. *Globo.com*, 1 jul. 2014. Disponível em: http://g1.globo.com/mundo/noticia/>. Acesso em: 28 out. 2014.

Ética e Valores

A ética depende dos valores cultivados por determinada sociedade, e esses valores vão mudando no tempo e no espaço. Se pararmos para pensar sobre os avanços das pesquisas científicas, vamos concluir que nossos valores têm mudado de forma radical.

Vamos pensar sobre o exemplo dado pelo psicanalista Claudio Cohen, em palestra intitulada *A ética nos relacionamentos*, produzida pelo Café Filosófico da TV Cultura em 2012:

Saiba Mais!

A ética nos relacionamentos

Gravada no dia 17/03/2006, a palestra expõe uma importante distinção entre ética e moral. Enquanto a moral vem de fora, do social, a ética nasce do indivíduo, vem do ego, pois depende de uma personalidade estruturada. A moral é superegoica, já que se trata de uma imposição do ambiente introjetada nos indivíduos. O programa trata também de questões importantes dos nossos tempos que envolvem a ética, como clonagem, células-tronco e aborto.

COHEN, Claudio. A ética nos relacionamentos. *Café Filosófico*, 2012. Disponível em: http://www.cpflcultura.com.br/wp/2008/12/30/a-etica-nos-relacionamentos/. Acesso em: 20 out. 2014.

Ele nos conta que, até há pouco tempo, a área médica julgava a morte de um paciente por sua parada cardiorrespiratória. Ou seja: se o coração parava de bater, os aparelhos eram desligados, e a família tomava as providências fúnebres.

No entanto, com o avanço tecnológico da medicina, chega-se à viabilidade do transplante de órgãos. E essa oportunidade de salvar vidas levou toda a sociedade médica a rever o conceito de morte. Dali em diante, o que definiria a

morte de um indivíduo seria a morte cerebral. Assim, mesmo com o coração batendo, se houvesse morte cerebral, o corpo era mantido pelos aparelhos até que o órgão pudesse ser retirado, salvando outro indivíduo cujo cérebro ainda funcionasse.

Não precisamos descrever como é difícil para uma família ver seu ente querido com o coração batendo com a ajuda de aparelhos e, mesmo assim, ter de considerá-lo morto.

São os novos valores da modernidade. Isso não quer dizer que todas as sociedades vejam desta mesma forma. Por exemplo, na época em que os transplantes começaram a ser uma realidade, japoneses budistas recusavam-se a receber órgão de um ser morto. Eles tinham outros valores.

É comum que pessoas com as mesmas necessidades, interesses e pontos de vista se reúnam para se fortalecer e, assim, conquistar suas aspirações frente a uma maioria ou frente a uma parcela social mais poderosa. Se formos pensar, é assim que muitas revoluções se manifestam. Muitos movimentos sociais acontecem desta forma. Podemos pensar no exemplo dos movimentos feministas e no movimento gay. É inegável que esses movimentos de minorias abalaram os princípios e valores de uma época e plantaram novas possibilidades éticas. Hoje, grande parcela da população feminina ocidental é aceita como mãe solteira sem ter de se esconder da sociedade. As pessoas chamadas, atualmente, de homoafetivas, sentem-se mais à vontade para manifestar suas preferências sexuais.

Atualmente, por exemplo, não é ético discriminar alguém cuja cor de pele seja diferente da sua. É, inclusive, uma atitude passível de processos penais. Mal dá para imaginarmos que houve uma época em que os afrodescendentes não eram considerados nem seres humanos! A quebra de tantos paradigmas tem nos trazido muitos ganhos, apesar de nos depararmos, muitas vezes, com questões tão difíceis.

Saiba Mais!

Como fazer super bebês

"Imunidade a doenças como câncer. Maior resistência à obesidade. Seleção de características estéticas. Tudo isso já pode, ou logo poderá, ser programado antes do início da gravidez. Conheça o admirável (e lindinho) futuro dos bebês."

COSTA, Camilla; GARATONNI, Bruno. Como fazer super bebês. *Superinteressante.com*, fev. 2012. Disponível em: http://super.abril.com.br/ciencia/como-fazer-super-bebes-677777.shtml. Acesso em: 27 out. 2014.

Vamos pensar no caso da fecundação ***in vitro***. Trata-se da possibilidade que indivíduos têm em conceber uma criança mesmo que fisiologicamente seus organismos não sejam capazes de fazê-los naturalmente. A grande discussão ética a respeito é: o que fazer com os embriões que não foram implantados no útero da mãe? Eles podem ser congelados, aguardando sua vez? Afinal, esses embriões devem ser considerados bebês vivos?

Nossa vida, nosso dia a dia – seja pessoal, seja profissional – coloca-nos questionamentos constantemente. Como deveríamos nos posicionar frente a eles? Matos (2012, p. 2) afirma que a sociedade apoia-se em três pilares éticos: a criação de **oportunidades para todos**; a vontade que possa gerar **liberdade responsável**; e o compromisso com **o bem pessoal e o bem comum**. Pode ser que, com base nesses pilares, possamos alcançar uma sociedade mais justa, livre e solidária.

Quebra de Paradigmas

Abordamos a questão da liberdade que temos como sujeitos detentores de nossas próprias decisões, caminhando por trajetórias que nós mesmos escolhemos. Também comentamos que essa autonomia individual quebra muitos paradigmas sociais.

Vamos lembrar: o que é um paradigma? Simplificando, um paradigma é um modelo de pensamento. São ideias já bem estruturadas a respeito de algum assunto. Um paradigma leva à repetição de hábitos, costumes e opiniões. Um paradigma pode engessar o modo de ser das pessoas.

É por isso que, diante de algo que choca, mas que de alguma forma leva as pessoas a reverem suas crenças, seus conceitos e valores, é comum que se diga: quebre seu paradigma!

O que estamos vivendo atualmente já não tem as mesmas características da Era Moderna. Do século XX para o século XXI, muitos paradigmas foram quebrados. É exatamente por isso que acadêmicos, pesquisadores e cientistas tentam dar um nome para esse tempo em que vivemos. Alguns preferem Pós-Modernidade, outros, Hipermodernidade ou também Modernidade Tardia. A questão é saber se estamos realmente vivendo uma era de ruptura.

Como já comentamos antes, talvez nós, que vivemos nesta era, não vamos conseguir mesmo nomeá-la. Isso será possível apenas olhando para trás e dando um nome ao que já aconteceu. Portanto, a tarefa ficará com as gerações futuras, não é mesmo?

Uma das maiores responsáveis por estilhaçar os paradigmas mais intocáveis é a biotecnologia. Ela nos choca diariamente com propostas como plásticos que crescem em árvores; açúcar que vira acrílico; bioship que simula metabolismo de medicamentos no corpo humano; e, até mesmo, gravidez em homens! É chocante, sim. Aceitarmos a ideia de um homem grávido dependeria de quebrarmos um paradigma solidamente fundamentado na ciência: o homem tem cromossomos x/y. Isso é um ponto pacífico, não é mesmo? Uma criatura cujos cromossomos sejam x/x só pode ser mulher, certo? Mais ou menos...

Convidamos você para conhecer a história de Thomas Beatie. Sua identidade atual é masculina. Ele é casado com uma mulher, pai de família. Mas Thomas não nasceu com essa identidade. Ele nasceu como Tracy. Não pretendemos explorar aqui os motivos que levaram Tracy a passar por todo um processo biotecnológico de masculinização. Mas, ao fazê-lo, decidiu-se por manter seus órgãos femininos internos – o que lhe permitiu engravidar. Quando Tracy mudou sua identidade para Thomas, desejou ser pai. Tendo seu útero intacto, Thomas tornou-se um homem grávido!

Saiba Mais!

Homem grávido dá à luz menina nos Estados Unidos

O transexual americano Thomas Beatie deu à luz uma menina saudável na cidade de Bend, no Estado de Oregon, noroeste dos Estados Unidos.

HOMEM grávido dá à luz menina nos Estados Unidos. *BBC BRASIL.COM*, 3 jul. 2008. Disponível em: http://www.bbc.co.uk/. Acesso em: 27 out. 2014.

Esta é a nova era em que vivemos: os papéis sociais são fluidos. Tudo pode se transformar radicalmente. As identidades não são determinadas quando nascemos. Podemos mudá-las várias vezes no decorrer de nossas vidas.

Essa fluidez dos papéis sociais, atualmente, pode levar a um mal-estar social. Aqueles que se acham portadores de crenças, valores e conhecimentos universais podem ser surpreendidos com novas possibilidades de se olhar a vida. Será que temos o direito de julgar o desejo de ser pai que uma pessoa

portadora de cromossomos x/x tenha? Será que temos o direito de julgar uma pessoa, portadora de saudáveis ovários e útero, que não queira ter filhos?

Muitas vezes, o que provoca o mal-estar social não é a livre manifestação do sujeito e de suas subjetivações. O que pode provocar o total desastre social é a **intolerância**. Talvez, ela seja a mãe de muitas guerras...

Quebrar paradigmas exige nos depararmos com perguntas como:

1. Qual deveria ser o limite de ação para a humanidade?
2. Até que ponto os avanços científicos são positivos para a evolução humana?
3. É possível conciliar os interesses individuais com os interesses da coletividade?
4. Qual é o equilíbrio entre tolerância e ordem social?

Não existem respostas prontas! Que tal refletirmos sobre todas as que são possíveis?

Bons estudos!

CONCEITOS FUNDAMENTAIS

Burca: símbolo do talibã afegão usado tradicionalmente pelas mulheres das tribos *pashtuns* do país. Cobre completamente a cabeça e o corpo, inclusive os olhos, em que há uma rede para permitir a visão. (Fonte: http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/07/tribunal-europeu-apoia-lei-francesa-que-proibe-veu-islamico-em-publico.html. Acesso em: 28 out. 2014.

Experiência cognitiva: trata-se da experiência que ocorre por meio da cognição (palavra cuja origem é latina: *noscere* = saber, conhecer – com o prefixo *com* = junto). (Fonte: http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/cognicao/. Acesso em: 21 out. 2014). "A cognição envolve fatores diversos como o pensamento, a linguagem,

a percepção, a memória, o raciocínio etc., que fazem parte do desenvolvimento intelectual." (Fonte: http://www.significados.com.br/cognitivo/. Acesso em: 20 out. 2014). Assim, podemos considerar que as experiências que envolvem o pensamento, a linguagem, a percepção, a memória, o raciocínio, por exemplo, são experiências cognitivas.

Jacques Lacan: "é um autor polêmico – discutido e admirado, para alguns teóricos é considerado o maior psicanalista depois de Freud, ou até mesmo do seu porte; para os seus críticos, a teoria lacaniana é um retrocesso da psicanálise, um desvirtuador da teoria freudiana." (Fonte: https://psicologado.com/abordagens/psicanalise/jacques-lacan-biografia. Acesso em: 16 out. 2014. Um de seus mais importantes trabalhos (o estádio do espelho) foi desenvolvido de 1936 a 1964.

Linguistas: estudiosos que utilizam a ciência para explicar e descrever as manifestações linguísticas.

Linguística: é a ciência que estuda a linguagem humana.

Signos: a área da Linguística explica que utilizamos dois elementos principais para que a comunicação se materialize de forma plena: a **linguagem**, que representa todo o sistema de sinais convencionais, sejam estes de natureza verbal ou não verbal, e a **língua**, que representa um sistema de signos convencionais (de natureza gramatical) usados pelos membros de determinada comunidade, no nosso caso, a língua portuguesa. Partindo deste pressuposto, temos que o signo linguístico é concebido como um elemento representativo, constituindo-se de dois aspectos básicos: o significante e o significado, os quais formam um todo indissolúvel. (Fonte: http://www.portugues.com.br/redacao/o-signo-linguistico.html. Acesso em: 21 out. 2010). Exemplificando: quando ouço a palavra "casa", imagino minha própria casa, e meus sentimentos me levam à lembrança de como é bom estar descansando nela. O significante do elemento representativo "casa" (nesse exemplo) é o som que eu ouvi (alguém falando casa), e o significado desse

elemento representativo é a imagem que eu fiz da minha própria casa e também os sentimentos despertados quando me lembrei dela.

AGORA É A SUA VEZ

Instruções

Agora, chegou a sua vez de exercitar seu aprendizado. A seguir, você encontrará algumas questões de múltipla escolha e dissertativas. Leia cuidadosamente os enunciados e atente-se para o que está sendo pedido.

Verifique a resposta correta no final deste material na seção Gabarito.

Questão 1

> A lei francesa de 2010 que proíbe o uso do véu islâmico integral (burca e niqab) em espaços públicos está de acordo com o Convênio Europeu de Direitos Humanos, opinou nesta terça-feira (1º) a Grande Sala do Tribunal de Estrasburgo. O Tribunal Europeu de Direitos Humanos entende a necessidade das autoridades "de identificar aos indivíduos para prevenir atentados contra a segurança das pessoas e dos bens e lutar contra a fraude de identidade".
>
> (TRIBUNAL Europeu apoia lei francesa que proíbe véu islâmico em público. *Globo.com*, 1 jul. 2014. Disponível em: http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/07/tribunal-europeu-apoia-lei-francesa-que-proibe-veu-islamico-em-publico.html Acesso em 28 out. 2014)

A respeito do trecho da reportagem, podemos afirmar que:

I. Alguns adeptos da religião islâmica poderão sentir-se privados de seu direito de manifestação religiosa.

II. A lei francesa opõe-se completamente à liberdade de pensamento.

III. Associar o uso de capacete de motociclista e de capuz ao uso da burca confirma que a lei não se volta às questões religiosas.

É correto o que se afirma em:

a) I, apenas.

b) II, apenas.

c) I e III, apenas.

d) II e III, apenas.

e) I, II e III.

Verifique a resposta correta no final deste material na seção Gabarito.

Questão 2

A chamada **Primeira Onda Feminista** teria ocorrido no século XIX e avançado pelo começo do século XX. Este período aborda uma grande atividade feminista desenvolvida no Reino Unido e nos Estados Unidos. Foi o momento em que o movimento se consolidou em torno da luta pela igualdade de direitos para homens e mulheres. Estas se organizaram e protestaram contra as diferenças contratuais, a diferença na capacidade de conquistar propriedades e contra os casamentos arranjados que ignoravam os direitos de escolha e os sentimentos das mulheres.

(GASPARETTO JR., Antônio. *Primeira onda feminista*. Disponível em: http://www.infoescola.com/historia/primeira-onda-feminista/. Acesso em: 26 out. 2014)

Com base no texto apresentado, analise as seguintes afirmações:

I. O movimento de grupos de pessoas com os mesmos interesses e as mesmas necessidades pode levar a revoluções sociais.

PORQUE

II. A força de grupos organizados em torno de uma causa em comum pode ser o bastante para renovar alguns paradigmas sociais.

A respeito dessas afirmações, assinale a opção correta:

a) As asserções I e II são proposições verdadeiras, e a II é uma justificativa da I.

b) As asserções I e II são proposições verdadeiras, mas a II não é uma justificativa da I.

c) A asserção I é uma proposição verdadeira, e a II é uma proposição falsa.

d) A asserção I é uma proposição falsa, e a II é uma proposição verdadeira.

e) As asserções I e II são proposições falsas.

Verifique a resposta correta no final deste material na seção Gabarito.

Questão 3

> Já foi normal duas pessoas se digladiarem até a morte para entreter a multidão. Também já foi normal queimar mulheres na fogueira por bruxaria e fazer pessoas trabalharem sem remuneração com direito a castigos físicos só pela cor da pele. Era normal também humanos se alimentarem de sua própria espécie e casarem sem amor. Já foi normal passar 40 horas da semana fazendo algo que se detesta, mentir para ganhar dinheiro e devastar florestas inteiras em busca de um suposto desenvolvimento. Peraí, este último ainda é normal. Afinal, será que ser normal – e achar normais coisas que não deveriam ser – pode ser uma doença?
>
> (BERGIER, Carolina. *A doença de ser normal*. Disponível em: http://super.abril.com.br/saude/doenca-ser-normal-755983.shtml. Acesso em: 27 out. 2014).

A respeito do texto apresentado, podemos afirmar que:

I. Aceitar ou não algum evento social como normal está ligado aos valores culturais de determinada sociedade em determinada época histórica.

II. O que é concebido como normal por determinada cultura, em determinada época histórica, tem a ver com o paradigma adotado por essa mesma cultura.

III. A história da humanidade nos mostra que muitos paradigmas sociais foram quebrados por movimentos revolucionários.

É correto o que se afirma em:

a) I, apenas.

b) II, apenas.

c) I e III, apenas.

d) II e III, apenas.

e) I, II e III.

Verifique a resposta correta no final deste material na seção Gabarito.

Questão 4

Leia o texto que segue:

> Uma das histórias mais bem documentadas envolvendo crianças lobo é a de duas meninas completamente selvagens, resgatadas por uma expedição que massacrou os lobos com quem elas viviam, perto de um vilarejo no norte da Índia, em 1920. O comportamento das duas crianças causou espanto, pois, quando foram encontradas, as meninas não sabiam andar sobre os pés, mas se moviam rapidamente de quatro. É claro que não falavam, e seus rostos eram inexpressivos. Queriam apenas comer carne crua, tinham hábitos noturnos, repeliam o contato dos seres humanos e preferiam a companhia de cachorros e lobos.
>
> (RISCHBIETER, Luca. *A triste história das crianças lobo ou nem só de genes e cérebro vive o homem*. Disponível em: http://www.educacional.com.br/articulistas/luca_bd.asp?codtexto=220. Acesso em: 27 out. 2014).

Responda à pergunta: por que os rostos das crianças selvagens eram inexpressivos?

Verifique a resposta correta no final deste material na seção Gabarito.

Questão 5

O enigma de Kaspar Hauser

A história é de um bebê que teria crescido sozinho dentro de um porão na cidade de Nuremberg, em torno de 1812. Sem qualquer contato humano para que ninguém soubesse de sua existência, ele dormia com uma corrente que o prendia, sentado ao chão. Deixavam-lhe água e comida enquanto dormia. Já na idade adulta, um homem o tira do calabouço e o deixa em uma praça pública na cidade, com uma carta direcionada ao capitão da cavalaria local em 1828. Sem saber falar nem andar, ele passa a fazer seus primeiros contatos com o mundo exterior e a sociedade da época. Ajudado por uma família, ele aprendeu a se comportar, a falar, ler, escrever, tocar piano, além de se interessar por jardinagem, mas sempre observado com curiosidade e espanto pelos cidadãos. Incapaz de fazer mal a alguém, foi assassinado, provavelmente, pelos mistérios que cercavam sua existência. (Fonte: http://www.futura.org.br/blog/2013/01/18/o-enigma-de-kaspar-hause-e-a-atracao-da-semana-no-cineconhecimento/. Acesso em: 27 out. 2014).

Diante do texto sobre a história de Kaspar Hauser, responda às questões que seguem:

1. Será que Kaspar Hauser era capaz de sentir-se como indivíduo enquanto estava encarcerado? Explique sua resposta.
2. O assassinato de Kaspar Hauser poderia encontrar alguma explicação na intolerância social? Explique sua resposta.

Verifique a resposta correta no final deste material na seção Gabarito.

FINALIZANDO

Este segundo tema voltou-se às questões do indivíduo como sujeito dotado de vontade e ação, inserido em uma sociedade que mantém seus próprios valores e cultura. Pudemos refletir sobre a natureza simbólica das experiências humanas e sobre nossa capacidade de nos relacionarmos por meio de signos. O conteúdo também nos possibilitou compreender os conceitos de sujeito e de subjetivação, assim como a relação entre valores e ética. Finalizamos nossas discussões com uma reflexão sobre a influência da quebra de paradigmas sobre as mudanças sociais.

REFERÊNCIAS

BEZERRA JÚNIOR, Benilton. Novas Fronteiras da Subjetivação. *Café Filosófico*, 2009. Disponível em: http://www.cpflcultura.com.br/wp/2009/12/02/integra-novas-fronteiras-da-subjetivacao-benilton-bezerra-junior/. Acesso em: 24 out. 2014.

CABRAL, Rossano L. A redescrição da subjetividade: as bioidentidades. *Café Filosófico*, 2009. Disponível em: http://www.cpflcultura.com.br/wp/2009/12/02/integra-a-redescricao-da-subjetividade-as-bioidentidades-rossano-lima-cabral-sao-paulo/. Acesso em: 27 out. 2014.

COSTA, Cristina. *Sociologia*: questões da atualidade. São Paulo: Moderna, 2010.

COSTA, Camilla; GARATONNI, Bruno. Como fazer super bebês. *Superinteressante.com*, fev. 2012. Disponível em: http://super.abril.com.br/ciencia/como-fazer-super-bebes-677777.shtml. Acesso em: 27 out. 2014.

COHEN, Claudio. A ética nos relacionamentos. *Café Filosófico*, 2012. Disponível em: http://www.cpflcultura.com.br/wp/2008/12/30/a-etica-nos-relacionamentos/. Acesso em: 20 out. 2014.

DUARTE, Vânia M. do N. *O signo linguístico*. Disponível em: http://www.portugues.com.br/redacao/o-signo-linguistico.html. Acesso em: 21 out. 2010.

HOMEM grávido dá à luz menina nos Estados Unidos. *BBC BRASIL.COM*, 3 jul. 2008. Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/07/080703_transexual_filharg.shtml. Acesso em*:* 27 out. 2014.

MATOS, Francisco G. *Ética na gestão empresarial*: da conscientização à ação. São Paulo: Saraiva, 2012.

MOURA, Jovi. *Jacques Lacan – Biografia*. Disponível em: https://psicologado.com/abordagens/psicanalise/jacques-lacan-biografia. Acesso em: 16 out. 2014.

O ENIGMA de Kaspar Hauser. Direção: Werner Herzog. Produção: Werner Herzog. Alemanha Ocidental: Zweites Deutsches Fernsehen (ZDF), 1974. 110 min. *Trailer* disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=R9qxbd3uR48. Acesso em: 31 out. 2014.

ORIGEM DA PALAVRA. Disponível em: http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/cognicao/. Acesso em: 21 out. 2014.

SERBENA, Carlos Augusto. Considerações sobre o inconsciente: mito, símbolo e arquétipo na psicologia analítica. *Rev. abordagem gestalt.*, Goiânia, v. 16, n. 1, jun. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672010000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 31 out. 2014.

SIGNIFICADOS.COM. Significado de cognitivo. Disponível em: http://www.significados.com.br/cognitivo/. Acesso em: 20 out. 2014

TRIBUNAL Europeu apoia lei francesa que proíbe véu islâmico em público. *Globo.com*, 1 jul. 2014. Disponível em: http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/07/tribunal-europeu-apoia-lei-francesa-que-proibe-veu-islamico-em-publico.html. Acesso em: 28 out. 2014.

VERSIGNASSI, Alexandre. Somos todos mutantes. *Superinteressante.com*, maio 2014. Disponível em: http://super.abril.com.br/cotidiano/somos-todos-mutantes-803001.shtml. Acesso em: 27 out. 2014.

GABARITO

Questão 1

Resposta: Alternativa "C". A afirmação II está incorreta, porque a lei francesa não impede que as pessoas pensem da maneira que bem entenderem. Para a lei, a pessoa pode continuar mantendo suas crenças conforme a religião islâmica, só não pode manifestá-la por meio do véu. Pensar é uma coisa, manifestar-se é outra.

Questão 2

Resposta: Alternativa "A". A afirmação II justifica a afirmação I porque a renovação de paradigmas sociais está ligada diretamente às revoluções sociais.

Questão 3

Resposta: Alternativa "E". Os conceitos envolvidos por esta questão – por exemplo, o que são paradigmas, o que é a quebra de paradigmas, como funcionam os valores de uma sociedade – podem ser encontrados no Caderno de Atividades da Aula 3.

Questão 4

Um rosto sem sorriso é um rosto inexpressivo. O sorriso é uma manifestação simbólica que os humanos aprendem vivendo em sociedade. Por isso, crianças selvagens não sabiam sorrir: elas não aprenderam a interagir por meio de símbolos.

Questão 5

Resposta 1: É provável que Kaspar Hauser, enquanto estava encarcerado, simplesmente não tinha consciência de sua individualidade, pois o ser humano percebe-se como indivíduo ao relacionar-se com o outro.

Resposta 2: O assassinato de Kaspar Hauser poderia ter sido resultado da intolerância das pessoas que o consideravam estranho e diferente de todos naquela comunidade. Atos de violência acontecem até hoje em função da não aceitação de um integrante do grupo que não consegue ser exatamente como a maioria.